



ESCRITORES ANGOLANOS, *FRONTEIRAS PERDIDAS E* IDENTIDADES CONTEMPORÂNEAS

Frank Marcon¹

Neste artigo, pretendo apresentar o resultado de algumas reflexões de estudos sobre romances publicados por escritores angolanos que ambientam suas narrativas em temas e cronologias que visibilizam momentos políticos específicos da existência pré-colonial, colonial e pós-colonial de Angola, em uma literatura escrita após a independência do país, ocorrida em 1975.

Apesar de apontar para uma reflexão sobre “escritores angolanos”, gostaria de esclarecer que estou aqui tratando especificamente da análise de um *corpus* que prioriza a produção literária de dois escritores contemporâneos: Pepetela e José Eduardo Agualusa². Os dois têm livros ampla-

¹ Professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/Mestrado em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe

² Este texto é uma versão amplamente modificada da comunicação com o mesmo título, apresentada na Mesa Redonda ***Olhares cruzados: etnografias da expressão artística na diáspora***, durante a realização da Reunião Equatorial de Antropologia e X Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste, em Aracaju (SE), em outubro de 2007. É importante mencionar que para os propósitos desta publicação foi subtraída desta versão a análise sobre os romances do escritor Ondjaki.

mente conhecidos no espaço de língua portuguesa, principalmente entre Portugal, Angola e Brasil, e fazem parte do escopo de minha análise sobre perspectivas de identidades contemporâneas, pautado por aquilo que ambos já ensaiaram definir em algum momento em seus livros, como: *fronteiras perdidas*. Destacando Agualusa (1999), que escreveu um livro de “contos” com o título *Fronteiras perdidas: contos para viajar*³, como se fosse um prefácio para a configuração do nomadismo que certos discursos de identidade passaram a argumentar na contemporaneidade. O livro traz contos que evidenciam narrativas de identidade desenraizadas, principalmente no que diz respeito a territorialidades.

Os romances destes escritores possibilitam análises instigantes sobre discursos contemporâneos de identidade e diferença em contextos pós-coloniais, como, neste caso o de Angola, que acabam ultrapassando o contexto das próprias fronteiras da nação, justamente por representarem, por vezes, a própria crise dos discursos convencionais de nação. Angola é um cenário de recorrência para estes escritores, mas as narrativas não se fazem centradas no país. Neste caso, as fronteiras territoriais ou imaginárias são sempre ultrapassadas pela evidência ou pela interface com alteridades.

Atualmente, Pepetela e Agualusa estão em plena atividade literária e publicam com alguma regularidade, inclusive no Brasil. Ambos são membros da União dos Escritores Angolanos, que foi fundada juntamente com a independência do país, em novembro de 1975, bem como, são intelectuais que atuam também em outras áreas. Pepetela é professor de Sociologia na Universidade Agostinho Neto, em Luanda, e Agualusa é jornalista, escrevendo com regularidade para periódicos de Lisboa. Pepetela nasceu na província de Benguela, em 1941, e publica livros há 40 anos, Agualusa nasceu no Huambo, em 1960, e publica livros desde 1989. O que vale ressaltar é que apesar de iniciarem suas carreiras em

³ Agradeço a Christiane Coelho e ao Rui Tavares, de Lisboa, pelo presente do livro *Fronteiras Perdidas*, que não foi publicado até o momento no Brasil. Aproveito para mencionar e agradecer a escritora angolana Margarida Paredes, com quem tenho tido diálogos enriquecedores sobre muitas das questões tratadas neste artigo, pelo também presente do romance de sua autoria *O Tibete de África*.

momentos distintos e fazerem parte de gerações políticas e literárias também distintas, ambos são referências literárias contemporâneas importantes dentro e fora de Angola.

Os dois já publicaram muitos títulos, dos quais, no Brasil, Pepetela publicou *As aventuras de N'gunga* (1980), *Mayombe* (1982), *Yaka* (1984), *A geração da utopia* (2000), *Parábola do Cágado Velho* (2005), *A gloriosa Família* (1999) e *Jaime Bunda, agente secreto* (2003), enquanto Agualusa publicou *Estação das Chuvas* (1996), *Nação Crioula* (1997), *Um estranho em Goa* (2000), *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002), *O vendedor de passados* (2004) e *As mulheres de meu pai* (2007). Vale ressaltar que a obra destes escritores foi também toda publicada em Portugal, quase sempre em primeira mão, o que caracteriza a relação de afinidade do público leitor português com as obras destes escritores, bem como certa hegemonia do mercado editorial de Portugal sobre o que é produzido por escritores angolanos, pois este exemplo pode ser corroborado ainda pelas várias outras publicações de escritores, como: José Luandino Vieira, Ruy Duarte de Carvalho, Manuel Rui, Ondjaki, Ana Paula Tavares e outros tantos, de diferentes gerações, e que mantêm certa regularidade entre as editoras portuguesas.

O que dizem Pepetela e Agualusa, bem como o que dizem os narradores e personagens de seus romances, possibilita-nos interpretações sobre narrativas e estratégias de identificação e diferença *em* ou *com* espaços políticos que hora podem ser o da nação, da raça ou do gênero; hora o das comunidades de sentimentos transnacionais, como o espaço da lusofonia⁴ ou da africanidade⁵; ou ainda, o campo das narrativas de identidades descentradas. Neste último ponto, em *O Local da Cultura*, Homi Bhabha (1998), é esclarecedor ao perceber que vivenciamos um contexto

⁴ O termo lusofonia remete à idéia de um amplo contexto transnacional em que se fala a Língua Portuguesa. Mais do que isto, ideologicamente este argumento tem sido apropriado para definir o que se imagina ser uma comunidade de sentimento em Língua Portuguesa, situando a centralidade de Portugal no âmbito da condução e consolidação destes fatores de unidade.

⁵ O termo Africanidade remete às formas possíveis de identificação com alguma das ideologias políticas pan-africanistas que emergiram no século XX e que consideram a África e os africanos uma comunidade de afins. Ver Appiah (1997).

global pós-colonial de diáspora e paranóia, de migração e discriminação, no qual emergem exemplos de narrativas ativadas na angústia e associadas àquilo que ele denomina de *fronteiras vacilantes* – psíquicas, culturais, territoriais – (BHABHA, 1998, p. 97). São narrativas ambíguas, ambivalentes, rasuradas, que não reconhecem um lugar de centralidade nem, portanto, estão situadas em fronteiras definidas.

Os romances de Pepetela e Agualusa estão exemplarmente situados na contemporaneidade deste paradoxo das identidades narradas, entendidas e acionadas como primordiais, ao mesmo tempo em que implicadas por posturas e concepções de apelo ao imponderável. Isto significa que estamos diante de um contexto pós-colonial, que só se manifesta nos romances destes dois angolanos a partir das memórias e das experiências dos encontros coloniais, bem como através da influência das novas configurações geopolíticas contemporâneas, que através da institucionalização de acordos internacionais bilaterais e multilaterais, como: a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa⁶, desde 1996, e a consolidação das políticas de cooperação entre Portugal e Angola, também envolvendo, por vezes, acordos pontuais com o Brasil, fazem surgir, em novos contextos, a presença portuguesa, europeia, brasileira, norte-americana e de pessoas, mercadorias e interesses de muitos outros lugares.

Isto significa que é preciso definir sobre que pós-colonialismo estou falando. Primeiro é necessário salientar que as sociedades não são todas pós-coloniais da mesma forma (HALL, 2003), portanto, que existem contextos políticos específicos engendrados por repertórios colonizadores específicos e por singularidades coloniais localizadas; segundo, que o termo pós-colonial se refere aqui a um período que é posterior ao colonialismo português, mas também posterior ao fracasso dos projetos nacionalistas e anticolonialistas aplicados logo após a independência (ALMEIDA, 2000), terceiro que o termo se refere a um contexto complexo de relações e discursos transnacionais que circulam entre a ex-colô-

⁶ A CPLP congrega Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor Leste.

nia, Angola, e o ex-centro, Portugal, mas atraindo também outras relações e discursos transnacionais difusos⁷.

Entrando em cena

Meu primeiro contato com a literatura de Pepetela e Agualusa foi pouco antes de despertar para escrita de minha Tese de Doutorado em Antropologia⁸, em que me aventurei a dialogar com a literatura de Pepetela sobre identidade e nação. Pesquisa que iniciei em 2001 e concluí em 2005⁹. Mas, por conta de uma série de motivos metodológicos que não vem ao caso aqui desenvolver, Agualusa ficou de lado naquele momento. No entanto, durante a leitura lúdica que eu ia realizando, ia também exercitando o contraste entre os escritores e algumas similaridades e muitas diferenças entre os seus romances foram fazendo emergir algumas inquietações. Aqui, destacarei apenas as três semelhanças que interessam mais para discussão que apresento sobre os romances dos dois escritores: a presença de temas contextualizados historicamente, a presença mais ou menos sutil de referências ao Brasil nos seus enredos e as constantes referências às retóricas da mistura¹⁰ ou retóricas de hibridismos culturais¹¹ - que é o que

⁷ Além disto, concordo com Stuart Hall (2003), quando este afirma que uma das principais contribuições do uso do termo “pós-colonial”, para a análise social, tem sido dirigir nossa atenção para a produção contemporânea de múltiplas formas de reescrita das grandes narrativas centradas nos impérios e nos estados nacionais.

⁸ Título: *Leituras Transatlânticas: diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela*. Disponível pelo endereço eletrônico: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PASO0157.pdf>

⁹ Em novembro de 2005 publiquei uma versão um pouco modificada da Tese, o livro *Diálogos Transatlânticos: identidade e nação entre Brasil e Angola*. Marcon (2005).

¹⁰ Em Frank Marcon (2005) chamo de retóricas da mistura as diferentes denominações que conceituam de alguma forma a idéia de mestiçagem racial ou cultural, inclusive conceitos que derivam da idéia de criolismos ou mesmo da idéia de hibridismos e que aparecem para explicar ou caracterizar indivíduos ou grupos sociais.

¹¹ Peter Burke (2003), em *Hibridismo Cultural*, propõe-se a fazer um levantamento da variedade de objetos, terminologias e situações nas quais os usos de uma ampla variedade de denominações com sentidos aproximados se referem ao que ele considera como um único fenômeno. Isto é de grande valia para contextualizarmos as situações em que estes conceitos aparecem, porém, a diferença é que eu não trato o “hibridismo cultural” como um fenômeno, passível de verificação em distintos contextos, mas compreendo que vivenciamos um contexto contemporâneo em que os usos retóricos da mistura, como o de “hibridismo cultural”, servem as novas formas de legitimação de identificação e diferença. Estou mais interessando em como elas são colocadas nos diferentes cenários discursivos e seus usos políticos.

mais me chama a atenção. Defino como “retóricas da mistura”, o uso dos vocábulos “hibridez”, “mestiço” ou “crioulo”, bem como as flexões destas palavras, quando estas são utilizadas como sinônimo de cruzamento, de mestiçagem ou mesmo de sincretismo **entre** culturas, para fundamentar um novo discurso de singularidade generalizadora (MARCON, 2005).

As primeiras constatações que eu fazia era que diferentes retóricas da mistura estavam presentes em vários dos romances de Pepetela e de Agualusa, a partir das caracterizações históricas de suas narrativas. Constatei que boa parte das situações em que emergiram tais retóricas, elas estavam caracterizadas pela peculiaridade do encontro colonial, não como um elogio ou apologia a ele, mas remetendo tal encontro como revelador de situações de violência ou de conflito. Só a partir de alguma aproximação com um referencial da teoria pós-colonial pude perceber que as retóricas da mistura, como eu as estava pensando, emergiam, principalmente, em contextos marcados pelo encontro colonial (seja na África, Ásia ou América), passando a ser apropriadas, ou não (no caso onde as idéias de pureza foram hegemônicas), para narrar às nações ou a idéia de grupos culturais dentro delas.

Encontros e ambivalências

Pepetela, que escreve há mais tempo que Agualusa, viveu a guerra colonial (iniciada em 1960) já em fase adulta, foi guerrilheiro e intelectual do MPLA e participou do governo independente até meados dos anos oitenta, como Vice-Ministro da Educação. Tudo que Pepetela escreveu até o início dos anos 90 foi publicado pela União dos Escritores Angolanos, em edições de milhares, até que esta instituição e suas publicações deixaram de ser subsidiadas pelo governo a partir do início dos anos noventa, quando a nova política econômica do MPLA abandonou o dirigismo da economia de estado socialista e inseriu Angola na economia de mercado. Esta política impediu Pepetela e muitos outros de continuarem a publicar em Angola, mas seus livros continuaram saindo continuamente em Portugal. Depois deste lapso de tempo que durou até 2002, quando se organizaram o mercado livreiro e as editoras privadas de Angola, foi que novamente começaram a ser publicados os livros de Pepetela naquele país.

Sempre aprimorando a habilidade literária e criando técnicas inovadoras de contar histórias, Pepetela foi construindo diferentes narradores para seus romances. Seus personagens, e principalmente os narradores, sempre vivenciam conflitos existenciais e contam suas histórias a partir de dilemas políticos, morais, ideológicos e de identidade. Na maioria dos casos, os narradores não são oniscientes, e as histórias correm multifacetadas e, por vezes, são recontadas por diferentes perspectivas a partir do mesmo livro. Pepetela exercita de forma radical a idéia de plurivocalidade na narrativa literária, como a conceitua Mikail Bakhtin (1998).

Historiador e sociólogo de formação, Pepetela trouxe para a literatura muitos dos aprendizados e questionamentos teóricos e acadêmicos sobre conceitos de nação e política, de cultura e sociedade, de história e mito. Também adotou métodos de pesquisa documental e serviu-se da sensibilidade de observador para compor seu aprendizado literário, somados ao aprendizado de técnicas narrativas da literatura escrita e da tradição da oralidade dos diferentes grupos étnicos angolanos. Em suas primeiras publicações, com uma abordagem a partir de ideais revolucionários e socialistas, sempre esteve presente uma proposta libertadora, anticolonial e nacionalista. Só nos anos oitenta, quando se desligou do governo e do partido do MPLA, sua literatura passou a ser marcada pela crítica irônica à burocracia do Estado angolana, à corrupção e à inoperância do governo para lidar com a guerra civil e com as agruras da miséria e do caos estrutural em que se encontrava o país.

Compreender a nação e inventar a identidade da nação é a proposta assumida pelo escritor desde o início de sua escrita literária, mesmo que para isto, ele tenha que a revelar em sua crua crueldade. A nação, para Pepetela, está implicada pelas experiências de seus conflitos, o que significa: a experiência colonial e a guerra civil, as diferenças étnicas e raciais e os antagonismos regionais e culturais que, segundo ele, precisam ser expostos como aprendizado. Para Pepetela, uma nação se faz ou se constrói primeiro pela vontade de se viver juntos, segundo por projetos coletivos, terceiro por símbolos que se tornem referenciais nacionais, como a própria literatura, mas também a arquitetura, o cinema, a música, o artesanato, o esporte, a geografia, etc. Para Pepetela, Angola precisa

encontrar tais referenciais, construí-los dia a dia, aprender a narrar-se, a inventar-se em história e cultura, mas de modo avesso ou diferentemente do que foi a invenção colonial¹². Isto é, a idéia é revelar, através da literatura, as diferentes perspectivas daqueles que escolheram viver no país, daqueles que escolheram ser angolanos, independentemente da cor (brancos, pretos, mestiços), da origem (africana, portuguesa, brasileira) e do lugar onde nasceram (Angola, Portugal, São Tomé, Cabo Verde, Cuba). Ou seja, mais do que a busca pela originalidade ou o retrato da singularidade angolana, Pepetela nos diz que é preciso querer e aprender a viver juntos para inventar-se uma nação. Para o escritor, isto quer dizer que, ao reconhecer que a nação é algo inventado, não se está excluindo que devamos inventá-la a partir de entendimentos coletivos sobre o que queremos e o que pensamos que somos.

Vale ressaltar que durante o processo de independência de Angola, percebeu-se que no país não havia uma literatura historiográfica, sociológica ou antropológica, nem documentação escrita que não fosse aquela produzida pelo “saber colonial”¹³. Pepetela sabia disto, assim como outros intelectuais da União dos Escritores Angolanos, e investiu no romance como forma de contribuir para a construção de narrativas que possibilitassem a emergência de outros discursos. O projeto tinha um tom irônico: re-escrever as histórias “do” e “sobre” o país, a partir de outras possibilidades, como, por exemplo, pela ficção. Na escrita de Pepetela e outros, a narrativa literária foi adquirindo centralidade e autoridade para dizer sobre a nação, assim como a literatura oral tivera esta função para os povos ágrafos de antes da colonização e é retomada como técnica transposta para os estilos narrativos do papel: o romance. Neste sentido, enquanto postura política, esta literatura tornou-se uma estratégia de contestação à autoridade historiográfica, às fontes oficiais dos tem-

¹² Entrevista com Pepetela cedida ao autor, em Luanda, 2003.

¹³ O livro *Antropologia, Impérios e Estados Nacionais*, organizado por L'Estoile, Neiburg e Sigaud (2002) traz diferentes contribuições para uma reflexão sobre “saberes coloniais” e “saberes de Estado”. Para sintetizar, chamo-os de conjuntos de discursos materializados visíveis e hegemônicos num dado contexto político, aliados aos seus mecanismos burocráticos de reprodução.

pos coloniais e aos próprios sujeitos da ação colonial¹⁴. Por outro lado, a ironia é que o romance não encerra uma sistematização do que é a “nação”, como no ensaio sociológico ou historiográfico, mas torna-a uma ficção aberta.

Em quarenta anos de literatura, Pepetela escreve e re-escreve propositalmente a nação. Assumido sempre a crítica irônica e sarcástica aos momentos sociais e políticos presentes, o escritor procura sempre explorar a multiplicidade de vozes narrativas em seus romances, a partir da caracterização social de narradores e personagens, bem como explora temporalidades míticas e cronologias históricas a contrapelo, como que pretendendo que a narrativa romanesca seja uma possibilidade de construção ou re-construção da própria existência de um “novo sujeito” e uma “nova nação”.

Nos romances de Pepetela, as principais recorrências ao Brasil aparecem em *Yaka*, *A Geração da Utopia*, *A Gloriosa Família*, *o Cão e os Caluandas*, *Lueji* e *Jaime Bunda*, como se fosse um reflexo do desejo de algo, de proximidade e aproximação. Enquanto isto, Portugal aparece em todos os romances, lembrado como um cazumbi (fantasma) indesejável que insiste inevitavelmente em estar ali, para lembrar o que é Angola, ou seja, que não é mais Portugal, e nem mesmo uma emanação sua, como diria a crítica do antropólogo e escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho (2003), apesar da insistência dos discursos contemporâneos da lusofonia¹⁵, que acionam justificativas de vocação da cooperação portuguesa com relação a Angola e aos outros países africanos de língua portuguesa: os PALOPs – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Para Pepetela, é esta marca indelével do encontro colonial: entre o colono e o colonizado, o branco e o negro, mas também o tradicional e o

¹⁴ Walter Mignolo (2003) definiria este tipo de tática como “pensamento liminar”, de descolonização do saber. Um momento de fissura no imaginário social do sistema mundial, apesar do reconhecimento dos saberes da colonialidade.

¹⁵ Dentre algumas análises críticas da *lusofonia*, destaco Alfredo Margarido (2000) que escreveu um interessante ensaio sobre a forte presença deste discurso no imaginário dos portugueses e sobre a re-apropriação política contemporânea dos governantes e da mídia em Portugal, agora numa perspectiva da cooperação internacional pela justificativa de que o país tem uma vocação civilizadora voltada aos trópicos, mas também por conta de argumentos sobre as relações de parentescos, de língua e de história em comum.

moderno, o rural e o urbano, o mito e a história, que evidencia o surgimento de algo novo, aquilo que ele define como “mestiço cultural”, não aqui numa apologia à mestiçagem, mas no sentido de uma constatação da ausência, como um signo vazio a ganhar significação com o passar do tempo. O “mestiço cultural”, para Pepetela, é aquele sujeito que inevitavelmente vive numa sociedade e numa cultura onde se encontram os valores imaginados como “autênticos” e “locais” e aqueles imaginados como “exógenos” e “universais”. Ou seja, aquele indivíduo, ou sociedade, que vivencia um contexto de encontros entre o singular e o global, ou o que restou da idéia que se fazia de oposições essencializadas. Estas questões estão evidenciadas em seus romances desde a escrita de *Mayombe*, passando pelos livros *Yaka*, *Lueji*, *A Geração da Utopia*, *A Gloriosa Família*, *Desejo de Kianda* e *Parábola do Cágado Velho*. Em todos eles, encontramos personagens e narradores repletos de dúvidas e questionamentos sobre arquétipos essencialistas de identidade.

Teoria, personagem do livro *Mayombe* (1980), depois do diálogo tenso com seus colegas militares do MPLA, na frente de batalha contra os portugueses, em Cabinda, anos antes da independência – época em que é contextualizado o romance – é um exemplo esclarecedor do que digo sobre tal narrativa:

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura do café, vinda da mãe, **misturada ao branco** defunto do meu pai, **comerciante português**. Trago em mim o **inconciliável** e é este o meu motor. Num universo de sim ou não, **branco ou negro**, eu **represento o talvez**. Talvez é não para quem espera ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? **Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não?** Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros; o mundo é realmente maniqueísta. (PEPETELA, 1982, p. 7)¹⁶

¹⁶ Todos os destaques são meus.

Este “talvez”, de que fala Teoria, em outros termos, representa a idéia de “mestiço cultural” de Pepetela. Em Angola, alguns debates contemporâneos sobre “sociedade crioula” ou “cultura mestiça” e os diálogos sobre identidade e diferença recolocam, no entanto, questões que surgiram em tempos coloniais, amparados fortemente pela ciência e pela ideologia luso-tropicalista de Gilberto Freyre. Não quero dizer que é esta a idéia literal de Pepetela, pois este busca suas referências sobre “cultura mestiça” no materialismo histórico, mais do que em teorias culturais ou mesmo raciais como em Gilberto Freyre¹⁷ e outros¹⁸. Pepetela reconhece as implicações do colonialismo e do racismo, do tráfico de escravos e dos vínculos políticos, econômicos e sociais com o Brasil, como também as influências da modernidade e do globalismo nos valores locais, apontando, com isto, que as pessoas não estão mais num lugar seguro, fixo, estável, onde é possível se reconhecer, encontrar-se, recolher-se, assegurando-se de uma marca identitária fundamental e perene (BAUMANN, 1999). No entanto, a necessidade de um “porto seguro” para os padrões concebidos de identidade nacional, racial ou étnica, como para o caso de Angola, confunde as concepções de “sociedade crioula” e “cultura mestiça” com idéias de singularidade e originalidade identitária (ao invés de divergir delas), bem como, também demonstram como elas são vazias de significado conceitual e, por isto, abertas à significação e usos distintos na contemporaneidade. É o que vemos ocorrer ainda no cenário das teorias dos hibridismos, das mestiçagens culturais ou dos criolismos em diversos outros contextos que procuram dar conta de explicar, através de

¹⁷ Várias publicações de Gilberto Freyre, desde *Casa Grande & Senzala*, fazem algum tipo de apologia à idéia de mestiçagem racial e cultural.

¹⁸ Em meados do século XX, durante o colonialismo português na África, os livros de Gilberto Freyre e suas concepções circularam entre inúmeros intelectuais portugueses, angolanos, cabo-verdianos, moçambicanos, entre outros, chegando a ser uma referência, com alguma hegemonia, na interpretação de algumas destas sociedades. Principalmente quando nos anos cinquenta, o governo português financiou uma viagem de Freyre por suas colônias. Em Angola, Mário António Fernandes de Oliveira, nos anos sessenta, importante intelectual à época, publicou: “Luanda, Ilha Crioula”, por exemplo. Numa de suas primeiras formulações definidoras de “ilha crioula”, Mário António acrescenta que estas são “ilhas de mestiçagem cultural” disseminadas pelo território africano onde se verificam núcleos de povoamento europeu, como em Luanda.

retóricas da mistura (MARCON, 2005), os sujeitos e as sociedades que emergem da crise da modernidade, do fim do colonialismo, da globalização e do abalo nas estruturas e concepções de estado nação.

No entanto, os significados destas retóricas da mistura passam a ser preenchidos quase sempre descontextualizados dos usos locais. Por exemplo, o conceito de “sociedade crioula” ou de “mestiço cultural” em Angola, justificadamente pode levantar inúmeros mal-entendidos, porque associados ao passado colonial e aos primordialismos de origem de uma elite colonial nativista que se autodenominou crioula desde o século dezenove e durante o século vinte¹⁹ – os denominados filhos e netos dos colonos portugueses nascidos na colônia: “brancos de segunda”, “mulatos” ou “pretos” que viviam como “brancos” ou “assimilados”²⁰. Pepetela tem ciência destas interpretações e destas tensões e, por vezes, ambigüamente se aproxima e diverge delas. O romance torna-se, assim, sua estratégia de autocrítica permanente sobre as suas próprias posturas. Neste caso, Pepetela representa aquele escritor de romances, definido por Walter Benjamin (1994, p. 2001), como o indivíduo solitário, aquele que se segrega consigo mesmo no ato de criar e contar histórias, anunciando a sua profunda perplexidade diante da vida e levando o incomensurável aos seus últimos limites.

Sociedade crioula ou fronteiras perdidas

José Eduardo Agualusa nasceu um ano antes de iniciar a guerra colonial, quinze anos antes da independência do país, viveu a infância e a adolescência sob a tensão da guerra colonial, começou publicar no final dos anos oitenta, explorando enredos históricos e de situações de conflitos do período colonial. O livro *A Conjunra* (1989) resgata uma conhecida tentativa de rebelião colonial de um passado já um tanto remoto, *Estação das Chuvas* (1996) aborda a própria guerra colonial e o período

¹⁹ Destaco que por conta disto, pejorativamente, durante a guerra civil, a FNLA e depois a UNITA acusaram o MPLA de ser um movimento protagonizado por crioulos e, por isto, menos legítimo para conduzir os destinos do país. Algo que sempre gerou certo mal-estar para o governo.

²⁰ As aspas aqui são para dizer que estas são “categorias nativas” do colonialismo/pós-colonialismo luso-africano.

da “caça as bruxas” realizada pelo governo autoritário do MPLA, logo nos posteriores anos da independência, e *Nação Crioula* (1997) retorna a derrocada do tráfico escravista com o Brasil e as conflituosas e irônicas implicações nas histórias pessoais, contextualizadas pelos contatos e relações transatlânticas. O próprio Agualusa vivenciou, em Angola, a experiência do fim da guerra colonial e o contexto de algumas das histórias que se passam no seu romance *Estação das Chuvas* (1996), como as perseguições políticas do MPLA ao grupo de Nito Alves²¹ e a outros considerados dissidentes que, mesmo estando ao lado da independência, ousaram, à época, pensar caminhos diferentes para o país.

Em José Eduardo Agualusa, a “sociedade crioula” aparece emblematicamente no romance “Nação crioula”, não como apologia a uma Angola culturalmente mestiça ou mesmo crioula (no sentido racial, cultural ou lingüístico), mas para destacar a centralidade do Atlântico, como um lugar de cruzamentos e encontros culturais provocados pelo comércio triangular e estruturados pelo colonialismo português. No romance: “nação crioula” é o nome de um navio negreiro, que ironicamente fará a última viagem do tráfico entre Angola e Brasil. O enredo se passa parte no Brasil, parte em Angola, ligando famílias, negócios e paixões entre os dois lados do Atlântico Sul. O navio “nação crioula” serve, neste caso, também como tropo para pensar as margens, a viagem e o movimento; em contraponto ao centro, à estabilidade e à fixidez, como possibilidades de reconhecimento. Como metáfora, as viagens de navio entre as duas costas do Atlântico se tornam experiências desterritorializadas de identidade e de reconhecimento – ao mesmo tempo de estranhamento.

Em alguns dos seus romances, Pepetela e Agualusa construíram narradores que carregam certas característica autobiográficas. É o caso

²¹ O ano de 1977 marca um dos momentos mais contraditórios do MPLA no governo de Angola. Nito Alves, militante e liderança do alto-comando do partido, pessoa até então também próxima do presidente Agostinho Neto, foi acusado de conspirar contra o governo. Antevendo um golpe de Estado, a ação do governo foi debelar tais possibilidades. Isto gerou a perseguição e execução sumária de muitas pessoas definidas como aliadas de Nito Alves. Até hoje, pouco se sabe a respeito dos acontecimentos do período, pouco documentado e, às vezes, é provável fantasiado pela imaginação do que pode ter ocorrido. Recentemente começam a aparecer alguns estudos que procuram elucidar se havia a intenção de tal golpe e as motivações por traz da ação antevista do governo.

de Teoria, em Mayombe, e também de Aníbal, em *A Geração da Utopia*, ambos de Pepetela, bem como do jornalista *narrador* (nascido no Huambo, em 1960), em *Estação das Chuvas*, de José Eduardo Agualusa. Em todos estes casos, há coincidências entre algumas das características e alguns princípios morais dos autores e dos narradores em questão, bem como há certa proximidade com locais, datas e fatos conhecidos da biografia dos escritores. Não quero defender aqui que o narrador é o autor ou coisa semelhante, mesmo porque reconheço a análise de Roland Barthes (2004) e Michael Foucault (2001) sobre a relação entre o autor, o narrador e o texto, mas dizer enfaticamente que histórias vividas pelos escritores tornam-se também histórias contadas em seus romances, mesmo que de maneira diluída, dissimulada e fragmentada. A ambientação toponímica e temporal que se realiza no texto é baseada em algum tipo de reconhecimento mais ou menos autoral e verossímil. Em tal sentido, os romances são possibilidades de estruturação de sujeitos/autores a partir de alguma idéia de identificação e diferença com o espaço/tempo dos acontecimentos que narram. Neste caso, Angola configura-se no espaço/tempo a partir da experiência destes escritores, mas principalmente no caso de Agualusa, no espaço triangular entre Brasil, Portugal e Angola. As narrativas, neste caso, são estratégias estruturantes também de suas próprias existências sociais, de memória e lugar, onde a viagem – ou o trânsito – ocupa um lugar operante.

Inspirado no conceito de alegoria, à maneira de James Clifford (1998) em sua análise sobre a etnografia, antropologia e literatura no século XX, eu diria que a obra de Pepetela está para uma alegoria à “nação”, mesmo que: incompleta, idealizada ou desejada como espaço de tensões e “mestiçagens culturais” (em *Mayombe, Yaka, Lueji: o nascimento de um império, Geração da Utopia, Gloriosa Família*), como a obra de Agualusa está para uma alegoria à desterritorialização, ao exílio, ao nomadismo, às fronteiras perdidas das referências de identidade e nação, mesmo que, quase sempre, isto aconteça, em seus romances, no “espaço lusófono” colonial/pós-colonial, mas nunca em Portugal, diga-se de passagem, como é o caso em: *Nação Crioula, O ano em que Zumbi tomou o Rio, Um estranho em Goa e As mulheres de meu pai*.

Agualusa realiza uma alegoria à viagem e ao trânsito, tanto espacial quanto temporal, conforme apontam os romances acima e o próprio livro *Fronteiras Perdidas: Contos para Viajar*. Na antropologia, conhecemos bem as reflexões sobre o significado da “viagem”, como metáfora de “passagem”, de descobertas sobre o “outro” e de transformação irremediável de “nós mesmos”, da qual não há possibilidade de retorno. Agualusa parece reconhecer bem este contexto, remetendo-nos às possibilidades de reflexão não apenas sobre os trânsitos, mas também sobre os novos paradores dos discursos de identidades desenraizadas. Em seu livro de contos, os personagens estão ali, em cenários dispersos e diversos, sem “pertencerem” necessariamente a nenhum deles: na estrada Luanda-Sumbe, em Angola; num vôo Luanda-Dakar; num táxi em Lisboa, Portugal; em Areia Branca, Brasil; na Cidade do Cabo, África do Sul; em Corumbá, no Brasil; em Recife, no Brasil; em Ziguinchor, no Senegal; e, em Frankfurt, na Alemanha.

Saindo da cena

Quando estive em Luanda, em 2003, ouvi de um informante que a concepção de *fronteiras perdidas*, para ele, tinha estreita relação com a questão paradoxal da superação e da continuidade entre o colonial e o pós-colonial. Isto quer dizer que a memória do colonialismo, do racismo e da escravidão está presente na vida das pessoas, em histórias e contextos pós-coloniais, sem deixar de mostrar sua marca indelével. Um dos narradores, no romance *A geração da utopia*, de Pepetela, publicado em 1992, vai utilizar-se de maneira irônica da expressão “fronteiras perdidas”, para acusar a um outro personagem filho de “pai branco” e “que à falta da mãe negra foi agarrar-se à avó, utilizando o dela como seu nome de guerra”, para poder legitimar-se como angolano (PEPETELA, 2000, p. 158). Neste caso, *fronteira perdida* é aquele que não detém os significantes evidentes do enraizamento, pois sobre ele paira a dúvida, principalmente, da ambigüidade de sua existência. Entre o *sim* e o *não*, novamente emerge o *talvez*, como na narrativa anterior de Teoria. A idéia de *fronteiras perdidas*, em Pepetela, remete ao não-lugar e a uma ancestralidade perdida, inclassificável, imponderável, mesmo que, em algum momento, queira-se buscá-la ou aprendê-la.

O que significam então as “fronteiras” aqui, ou melhor, as “fronteiras vacilantes”, para Homi Bhabha (1998), ou “as fronteiras perdidas” de Agualusa, numa discussão sobre identidades? Eu diria que a fronteira pode significar a “baliza”, a “divisa”, o “limite”, a “borda”, sempre que se referindo a uma centralidade, mas também um lugar de cruzamentos, de encontros, de trânsitos, de passagens, pois quando pensamos a fronteira como um “entre”, um lugar de “hibridez”, de diferenças, pensamos também na ambivalência deste sentido. Nas discussões sobre identidade, ela pode ser interpretada a partir de Bhabha (1998) como sendo “a forma com que a novidade entra no mundo”, para quem a centralidade das identidades ideais, naturalizadas, é deslocada para as fronteiras, entre aquelas identidades ambivalentes, construídas na invisibilidade. Para James Clifford (1997), as fronteiras são os lugares do encontro cultural, que estão à margem das análises centradas e privilegiadas. Em Canclini (1998), a idéia de culturas híbridas trata de espaços sociais em que as fronteiras geopolíticas, os lugares, estão implicados pelo encontro cultural dos diferentes, onde emerge uma cultura híbrida que se torna cada vez mais um fenômeno contemporâneo do globalismo e do afrouxamento das fronteiras nacionais e das grandes cidades. Em Fredrik Barth (1998)²², a fronteira é fundamentalmente a experimentação social do contraste e de conflito de interesses entre indivíduos e grupos, que nas relações de poder e prestígio fazem emergir tanto identidades quanto as marcas das diferenças. Estas fronteiras, quando adjetivadas como *perdidas* ou *vacilantes*, a exemplo do que vimos, permitem-nos avançar na reflexão sobre as experiências contemporâneas de identidades desligadas dos apelos à ancestralidade, à originalidade e à localidade.

As experiências globais contemporâneas do contexto colonial/pós-colonial parecem abrir novos espaços ao desenraizamento e ao nomadismo. Como diz o escritor português Pedro Rosa Mendes, sobre o livro de contos de Agualusa (1999):

²² O ano original da publicação de “Grupos étnicos e suas fronteiras”, de Fredrik Barth é 1969. Cito aqui o texto em sua tradução em língua portuguesa que pode se encontrado em: POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: ed. UNESP, 1998.

[...] o sonho, o delírio, a vergonha, a fé, a pele, a memória, o feitiço, o nome - o ódio e a entrega - são territórios de exílio, e nessa condição, lugares de morança. Misturam-se com uma fluidez voraz: são *Fronteiras Perdidas*. Linhas de vida de outra maneira, um catálogo de paisagens oníricas. Histórias que não são visíveis, mas são visitáveis. Este livro é um caminho para elas e encerra pequenas sabedorias.²³

Do trânsito, das paragens, dos “lugares de morança” ou dos territórios de exílio, emergem também memórias, sonhos, afinidades que traduzem muito das experiências vivíveis e visitáveis que se têm na contemporaneidade. Finalmente, se é que as experiências de identidade centradas na nação, no étnico ou em alguma idéia de comunidade que ligue as pessoas a uma localização definida e definitiva foram, um dia, universais, elas estão agora sob suspeita, o que nos coloca perante novos desafios conceituais e analíticos.

²³ Retirado do endereço eletrônico oficial de José Eduardo Agualusa. <http://www.agualusa.info/cgi-bin/baseportal.pl?htx=/agualusa/div&booknr=35&page=livros&tpp=Contos&lg=pt&cs=brown> Acesso em outubro de 2007.

Bibliografia

- AGUALUSA, José Eduardo. *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.
- AGUALUSA, José Eduardo. *Estação das Chuvas*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.
- AGUALUSA, José Eduardo. *Um estranho em Goa*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2007.
- AGUALUSA, José Eduardo. *Fronteiras Perdidas: contos para viajar*. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- AGUALUSA, José Eduardo. *Nação crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.
- AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Um mar da cor da terra. Raça, cultura e política da identidade*. Oeiras: Ed. Celta, 2000.
- APPIAH, Anthony Kwame. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: contraponto, 1997.
- ASHCROFT, Bill, GRIFFITHS, Gareth and TIFFIN, Helen. *Key concepts in post-colonial studies*. London and New York: Routledge, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: ed. UNESP, 1998.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1 (Obras escolhidas)
- BUESCU, Helena Carvalhão e SANCHES, Manuela Ribeiro (Coord.). *ACT 6. Literatura e viagens pós-coloniais*. Lisboa: Centro de Estudos

Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Letras de Lisboa e Edições Colibri, 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Actas da maianga: dizer das guerras, em Angola*. Luanda: Chá de Caxinde, 2003.

CHATTERJEE, Partha. *Colonialismo, modernidade e política*. Salvador: EDUFBA, CEAO, 2004.

CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 1999.

CLIFFORD, James. *A Experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

CLIFFORD, James. *Routes: travel and translations in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

FIDDIAN, Robin (ed.). *Postcolonial perspectives: on the cultures of Latin America and Lusophone Africa*. Liverpool: Liverpool University Press, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas: introdução a uma possível luso-tropicologia, acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1953.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM, 2001.

GINSBERG, Elaune K. (org.). *Passing and the Fictions of Identity*. North Carolina, Duke University Press, 1996.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

- L'ESTOILE, B.; NEIBURG, F.; SIGAUD, L. (org.). *Antropologia, impérios e Estados nacionais*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará; FAPERJ, 2002.
- MARCON, Frank. *Diálogos transatlânticos: identidade e nação entre Brasil e Angola*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.
- MARGARIDO, Alfredo. *A lusofonia e os lusófonos: novos mitos portugueses*. Lisboa: ed. Universitárias Lusófonas, 2000. (Série Africanologia).
- MIGNOLO, Walter D. *Histórias Locais / Projetos Globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. *Luanda: "Ilha" Crioula*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1968.
- PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Autores Africanos, 14).
- PEPETELA. *Yaka*. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Autores Africanos, 23).
- PEPETELA. *O cão e os caluandas*. 4. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- PEPETELA. *Lueji: o nascimento de um império*. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- PEPETELA. [1992]. *A geração da utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PEPETELA. [1995]. *O desejo de Kianda*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- PEPETELA. [1997]. *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- PEPETELA [1996]. *Parábola do cágado velho: romance*. 5. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.
- POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: ed. UNESP, 1998.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.
- VENÂNCIO, José Carlos. *Colonialismo, antropologia e lusofonia*. Lisboa: Editora Veja, 1996.